



## As hebreias

Ivy Judensnaider\*

Para Elena Judensnaider

O avião levanta voo e a aeromoça verifica os cintos de segurança. Estamos no horário, diz o comandante, e daqui a doze horas chegaremos a Orly. Digo adeus ao aeroporto José Martí e despeço-me de Havana, agora apenas uma pequena mancha distante e iluminada. A aeromoça pergunta sobre o jantar. Nada quero. Peço para que ela não acorde a passageira ao meu lado que dorme profundamente. Vejo alguns cachos ruivos escapando do cobertor que a protege e faço uma prece: que possamos logo estar em casa e em segurança.

\*\*\*

O tempo vivido lá longe volta para mim e Lea tem novamente apenas alguns meses de idade. Somos crianças ainda de fraldas e estamos as duas na sala de minha casa. Nossos pais estão sentados no sofá cor de creme e, satisfeitos, olham para suas crias. Lea e eu engatinhamos na direção uma da outra. Lea tem os cabelos ruivos e cacheados. Eu sou loira, os fios de cabelo escorrendo como chuva pela pele pálida e quase azulada. Lea tenta agora engatinhar em direção à mãe, mas a mulher elegante levanta-se e vai até a cozinha buscar água. Depois, anos depois, a mulher irá para mais longe, embarcando num navio rumo à Europa na companhia de um músico de duvidoso talento e comprovada debilidade financeira. O navio que a levará para sempre nos manterá juntas, Lea e eu, porque caberá à minha mãe cuidar da menina abandonada pela mãe.

Em um tempo mais recente, estou diante do funcionário do Ministério que, da mesa, me olha com curiosidade. A moça, sua secretária, está entregando alguns papéis para serem assinados e suspira de enfado. Ele pergunta dos meus tempos de Genebra e diz que leu meu relatório sobre a África. Não concordo com algumas ideias tuas, ele afirma. Argumento: são ideias do passado, da década de noventa. Omito: continuo com as mesmas opiniões e continuo lamentando a ação do FMI. Penso, mas calo. Daniel pediu para não discutir com o funcionário e então pergunto por Lea. O funcionário se agita na cadeira. Agora, ele quer conversar sobre a situação no Oriente Médio e pergunta sobre a minha posição a respeito do conflito israelo-palestino. Digo que fronteiras entre dois países não resolverão o problema. Digo que sou a favor de um único país, democrático, no qual possam conviver povos de diferentes etnias. aguardo. O ar pesa. Sinto a garganta fechando, o coração pulando aos saltos, o suor escorrendo pelo pescoço. Se eu não me controlar, terei que fugir. O funcionário reclama do meu último relatório: o atual governo brasileiro tem como prioridade o combate à miséria e as minhas críticas denigrem a imagem do país. Nada comento. Agora ele começa a falar de Lea e espero alguma informação. Se Lea não tivesse participado do sequestro do empresário no final da década de 1980, ele poderia ajudar. Se Lea não tivesse fugido para a Colômbia e se envolvido com as FARC, ele poderia intervir. Se fosse caso de sequestro, ele tentaria. Nas atuais condições, nada pode ser feito.

O funcionário pergunta sobre a minha relação com Lea e digo que somos irmãs. Ele então lamenta que ela e eu tenhamos seguido rumos diferentes. Peço novamente ajuda e ele abre uma pasta, resmungando sobre a guerrilha, a luta antinarcóticos, os satélites e a espionagem. Ele mostra um mapa e indica as bases estrangeiras no pacífico equatorial, na Amazônia



colombiana e no Caribe Holandês. Fala da situação confusa na região e da desorganização da guerrilha, à mercê do fogo cerrado do exército colombiano e dos militares norte-americanos. Permaneço quieta e ele continua com o monólogo. Tudo farinha do mesmo saco, a guerrilha, os comunistas, os militares corruptos e os plantadores de coca, e então fecha a pasta abruptamente e a joga na mesa. Eu imploro. Ao me acompanhar até a porta, ele pergunta: afinal, como tua amiga foi parar no meio dessa porra de selva? Não sei. Como viemos parar ali, Lea e eu, ela na floresta e eu diante do funcionário do Ministério?

Daniel está à minha espera na portaria e, já no carro, rodamos por Brasília. Detesto Brasília, repito. O ar seco, as ruas geometricamente planejadas, a ausência de árvores e sombras, tudo em Brasília me incomoda. Digo que não consegui nada e Daniel suspira. Quietamente, parece lembrar a única e derradeira vez que teve Lea para si, Lea e os seus dezesseis anos, Lea e a resoluta decisão de perder a virgindade com um homem mais velho e experiente. Estamos jantando no hotel quando faço uma correção: o funcionário do Ministério falou algo que talvez possa nos ajudar. Daniel me olha esperançoso e explico: não fomos os únicos a perguntar por Lea.

\*\*\*

Bom Retiro, segunda-feira pela manhã. O bairro acorda com preguiça e os bares limpam chão, fogões, geladeiras e balcões. São poucos os judeus que agora correm de um lado para o outro e poucas as sinagogas se preparando para o culto matutino: os coreanos tomaram as ruas, abriram novas e modernas lojas e instalaram quitandas em cada esquina. O cheiro dos *gefilte fish* e *varenikes* se mistura ao do arroz, da acelga e do pimentão preparados nos restaurantes dos novos donos do bairro.

No prédio amarelo, pergunto pelo senhor Chaim e o zelador manda que eu suba a escada. Toco a campainha da segunda porta à esquerda do primeiro andar. Quem me atende é um rapaz chamado Avraham e ele pede que eu aguarde. Aguardo. O escritório está desarrumado e repleto de antigos móveis.

Ninguém mais compra dólares no mercado paralelo, concluo. O pó cobre as mesas, os lápis sem ponta próximos aos telefones e um calendário com fotos de pontos turísticos de Israel. O tio de Lea se aproxima e pede para que eu sente no sofá de veludo encardido. Explico: estive no Ministério, em Brasília, e soube do interesse dele em ajudar Lea. Tento: podemos somar forças para salvá-la. Ele interrompe: quer que Lea vá para o inferno.

Chaim conta ter ido ao Ministério para desengano de consciência: *Baruch Hashem*, nem pedido de resgate tampouco de ajuda. Tento comovê-lo e ele se irrita: por que se preocupar com uma sobrinha que nunca tivera para com ele qualquer gesto de atenção ou de carinho? Por que mover um dedo por quem só fizera acusá-lo de corrupção e ociosidade?

Justifico, lembrando a luta de Lea por um mundo melhor, um mundo sem pobreza, exploração ou desencanto. Chaim discorda: então que a sobrinha fosse trabalhar num orfanato, que fosse distribuir sopa aos famintos da noite, que fosse tricotar casaquinhos para os filhos de mães solteiras. Tento explicar a trajetória de Lea: os anos de estudo na escola dos *roiter idish*, o movimento estudantil, as greves operárias, a paixão e Pedro. Chaim resmunga: Pedro? *A volf farlirt zayne hor, ober nit zayn natur*. Um leopardo não pode mudar suas manchas. Que fossem todos para o inferno.

Desisto. Digo que irei até o inferno para encontrar e salvar Lea. O inferno é a Colômbia, explica Chaim. Ele faz um sinal com a cabeça para Avraham, que some escritório adentro. O moço



retorna com uma valise na mão. Cem mil dólares, *cash*. Também me entrega um pedaço de papel, com nome e endereço. Faça o que quiser e nunca mais me procure, Chaim avisa.

\*\*\*

As escadas cortam o Morro da Noca como se fossem serpentes. Odeio o Rio de Janeiro, penso, e continuo a subida. As casas, de madeira ou tijolo aparente, estão grudadas umas às outras, colocadas umas às outras, sobrepostas. Uma mulher me ultrapassa na escadaria: apesar da trouxa de roupa que ela leva à cabeça, é mais rápida do que eu. Alguns moleques estão posicionados em pontos-chave, encapuzados e armados com metralhadoras. Evito olhar e continuo a subir. Passo por uma placa comemorativa da visita do Bispo. Depois, outra placa, lembrando a visita de um cantor americano. Mais uma, em memória ao patrono da Escola de Samba, morto em combate com a polícia. Chego ao topo e uma moça me revista. Não carrego armas, digo a ela. Ela pergunta se sou jornalista e digo que não. Ela pergunta o que faço ali e sussurro ter encontro marcado com Pedro.

Entro numa casa maior. Espanto-me com o luxo e aceito o suco oferecido pela empregada uniformizada. O ar-condicionado torna o ambiente fresco e agradável e sento-me na poltrona, à espera. Pedro aparece depois de dez minutos e nos abraçamos. Na estante, vejo a foto da qual tenho cópia: lá estamos nós, jovens e felizes, no dia do casamento de Lea e Pedro. Ele pergunta como estou e conto tudo.

Relato as notícias trazidas sobre uma brasileira mantida prisioneira na floresta colombiana. Falo do jornalista a quem Lea confiou meu nome e o pedido de socorro. Também conto da visita ao Ministério e da conversa com Chaim, omitindo a valise e o dinheiro: mostro apenas o bilhete, nome e endereço escritos à mão por Avraham. Pedro, até então em silêncio, pergunta: como Lea foi parar lá? Não sei, respondo. Indago: como ele foi parar no Morro da Noca?

Pedro preenche as lacunas durante o jantar: as greves operárias, a fundação do Partido, as disputas pelo poder, o isolamento político de Lea e o fim do casamento. Também narra a aproximação de Lea com os revolucionários latino-americanos responsáveis pela coleta de recursos para guerrilha e finaliza: sorte Lea ter escapado antes do “estouro” do cativo do empresário brasileiro. Acho graça: ao contar sobre o passado de Lea, ele evita responder à pergunta que fiz.

Ele fala sobre a campanha para o governo do estado por outro partido, sobre a eleição, sobre o processo por corrupção, a cassação do seu mandato de deputado e as atividades comunitárias no Morro da Noca. Percebo: ele se cala a respeito dos negócios, das drogas, das armas, das milícias e das notícias dos jornais que o colocam como dono e senhor do Morro. Pedro encerra a conversa, pedindo para que eu saia de lá no dia seguinte: a polícia vai invadir o Morro de novo. Estão querendo nos pacificar, ele ironiza. Digo que partirei de manhã e ele pede à moça que prepare um quarto para mim.

Mais à noite, estamos os dois na laje, insones. O toque de recolher deixou as ruas serpenteadas em silêncio, mas aqui e ali consigo escutar ruídos e conversas; o Morro ainda está acordado e as pessoas se preparam para a invasão. Pedro está bebendo uma cerveja e observa a cidade do Rio de Janeiro, lá embaixo. Comento a lógica invertida: os ricos moram na parte baixa, cercados e vigiados pelos pobres que ocupam os morros de onde podemos ter a vista deslumbrante da baía. Pedro sorri. Aproximando-se de mim, ele fala que sou corajosa, tão corajosa quanto Lea. Caio na risada. Impossível: peço para que ele lembre que enquanto ela discutia com os professores por um ensino melhor, eu conversava nos bastidores com a coordenação



pedagógica; que enquanto ela saía às ruas para defender os direitos dos trabalhadores, eu ficava em inócuas reuniões, discutindo índices e acordos; que enquanto ela tentava fundar um novo partido, eu publicava artigos acadêmicos herméticos e áridos na imprensa internacional. Pedro discorda: Lea sempre me admirou incondicionalmente. Não consigo entender e ele explica que nunca precisei provar nada, ao contrário de todos os outros, dos homens e das mulheres que passaram por Lea, dos que naufragaram tentando conquistá-la. Fico em silêncio, esperando o dia nascer.

De manhã, antes de descer o Morro, peço: ele pode me colocar em contato com a pessoa cujo nome está anotado no papel entregue por Avraham? Pedro diz que sim, acompanhando-me até uma imensa cisterna. Ele mostra o arsenal: fuzis, lança-granadas, pistolas, metralhadoras e submetralhadoras, cartuchos, carregadores, radiotransmissores, espingardas, coletes, bazucas, bombas e munição. Pedro avisa: está tudo à minha disposição. Em seguida, com os olhos cheios de preocupação, ele pergunta: o que pretendo fazer?

\*\*\*

A mesma pergunta faz Daniel e novamente fico em silêncio. Não sei, não faço a menor ideia. Volto para São Paulo ape-menhas para me despedir e fazer os últimos arranjos. Mando e-mails, aviso a gerente do banco, deixo recados para os colegas do Instituto. Ligo para o meu advogado em Genebra e peço para que ele transfira o dinheiro que está em minha conta para outra, em Bogotá. Com Daniel, deixo as chaves do apartamento e um envelope: nele estão as senhas dos meus endereços eletrônicos e as instruções, caso eu não volte.

Terei coragem? A pergunta ronda o apartamento vazio e a resposta surge no reflexo do espelho do banheiro: é a imagem de uma mulher apavorada que vejo, a minha própria imagem, o meu rosto e a minha covardia.

Não fui feita para os grandes atos, penso; sou apenas Raquel e temo baratas, cobras, fome e violência. Olho a caixa de remédios: um para dormir, outro para acordar; um para ajudar na digestão, outro para tirar a fome. Bebo para esquecer a solidão. Imobilizada diante do espelho, tenho que reconhecer: temo a floresta que engoliu Lea e o escuro da noite que talvez me engula também. Assustam-me as onças, os insetos, as rotas desconhecidas, os terroristas, os guerrilheiros, os traficantes e os militares.

A imagem no espelho confirma: sou toda feita de medo.

\*\*\*

Estou no Centro Comercial de Foz de Iguaçu, lugar marcado para o meu encontro com Ari. Ele me põe a par da situação: Lea foi acusada de traição pela direção das FARC e será executada. Ari fala: os rebeldes estão se movendo na direção da Bolívia e da Venezuela, e talvez Lea esteja com eles. Ele complementa: as notícias mais recentes dão conta da vulnerabilidade da organização; o momento é perfeito para a ação de busca e resgate.

Ari é agente do *Mossad*, um entre tantos outros agentes às vésperas da aposentadoria que se vigiam mutuamente na região da Tríplice Fronteira. Ele explica: a população muçulmana na cidade é grande, mas, à falta de qualquer indício da presença do Hisbollah ou do Hammas, nada há para se fazer. Um tédio, ele conclui, puxando um mapa e me mostrando o que tem em mente.



Vamos atravessar a fronteira com passaportes falsos. Em Ciudad del Este, pegaremos um avião até Sucre, na Bolívia. De lá, iremos para Cusco e, depois, para Iquitos, no Peru. Na última etapa da viagem, encontraremos o homem indicado por Chaim, na Colômbia. Lá também estarão as armas enviadas por Pedro e os guias que nos conduzirão pela floresta. Ari explica: é o caminho mais longo, mas o mais seguro. Peço licença e vou ao banheiro do Centro Comercial. Vomito tudo, o jantar do dia anterior, o café da manhã e o almoço. No dia seguinte, alugamos um carro e atravessamos a fronteira do Paraguai: Ciudad del Este tem cheiro de pobreza e os turistas se misturam aos comerciantes de quinquilharias e comidas estranhas. Detesto essa cidade, penso. Estamos agora na pista e embarcamos no avião.

Ari estuda os mapas e eu nada tenho a fazer além de recordar: estamos nós duas, Lea e eu, adolescentes, passeando pelo Bom Retiro. Lea quer saber dos que leem livros e dos que querem um mundo mais justo; eu quero saber do amor, da existência de Deus, das preces e dos amantes. Andando sem rumo pelo bairro, eu a arrasto para o *pletsale*, a esquina onde os judeus negociam dólares e diamantes. Dali, ela me arrasta para a livraria. Para Lea, tudo é vermelho; para mim, alaranjado como o pôr do sol. Com os homens à frente do prato de fígado picado e de cebola frita, Lea aprende a importância do movimento operário polonês nos estaleiros em Gdynia; com eles, aprendo sobre sábios rabinos e antigos casos de adultério. O que move Lea é a ânsia de fazer diferença por meio da luta e da conquista; o que me move é o amor, a necessidade urgente de estar nos braços de um homem e ser feliz.

A luta e a paixão, aquilo que nos move e nos impele em direção ao mundo, aproxima-nos novamente: em Iquitos, Ari avisa que chegamos.

\*\*\*

Às margens do rio Amazonas, Ari negocia com Jesus Ernesto Naymi, um dos maiores narcotraficantes da região. Os homens com metralhadoras estão por toda a parte e empregados trazem sucos e frutos a toda hora. Estou em outro bangalô, aguardando o resultado da conversa. Ari aproxima-se de mim e fala: ele quer duzentos e cinquenta mil dólares em troca da localização de Lea e da indicação do melhor dia para o resgate. Peço para Ari fazer uma contraproposta: cem mil dólares e as armas de Pedro. Tudo combinado, voltamos ao centro de Iquitos para o pernoite. No dia seguinte, o helicóptero nos leva para perto da fronteira e um carro nos transporta para o outro lado. Depois de horas, é chegado o momento de entrarmos na floresta. Ari explica: dali a quinze dias, um grupo de reféns será libertado e o acampamento onde Lea está presa ficará vazio.

A floresta nos engole. Caminhamos sem parar, Ari, dois guias e eu. Os homens estão armados e eu levo apenas um facão: Ari tem medo que eu atire na minha própria cara. Apesar de a bagagem ser pouca, já estamos cansados e molhados de suor. A mata não faz concessões: o calor é insuportável e os mosquitos nos devoram. Meus pés estão inchados e as bolhas deixam a pele em carne viva. Digo que quero urinar e Ari pede pressa: não podemos parar. Digo que preciso descansar e ele me manda à merda.

Os dias misturam-se à noite, tamanha a escuridão da mata cerrada. Continuamos a caminhada, apenas parando para consultar os mapas. Às vezes, barulhos de aviões e tiros nos fazem interromper o passo, mas Ari não permite qualquer descanso. Quando nos aproximamos do acampamento, ele autoriza que armemos as barracas. Bebo um resto de água no cantil e vomito. Convulsivo, meu corpo se contorce em espasmos.

\*\*\*



O comandante do avião avisa que teremos turbulência pela frente. Estou enjoada e peço água à aeromoça. Tento recordar e não consigo. O diagnóstico é do médico em Bogotá: o sentimento de automação, ausência e esquecimento é do estado crepuscular posterior ao ataque epilético. É a explicação para o fato de eu ter mantido a consciência apenas de forma parcial, agindo automaticamente. É como justifico o fato de nada lembrar.

A aeromoça traz o copo de água: tomo o remédio que o médico receitou e adormeço. Estamos na floresta e o acampamento está vazio. Localizamos Lea, amarrada a uma árvore. Eu a abraço e noto seu olhar cansado e magoado, os cabelos cortados e a boca cheia de feridas. Ela pede para que eu a leve para casa. Magra, ela mal consegue levantar quando tiramos as correntes que a mantém presa. Ari e eu a carregamos, enquanto os guias caminham atrás de nós para garantir nossa segurança. Estamos na floresta de novo e Ari grita: fomos traídos. As rajadas das metralhadoras nos alcançam e eu arrasto Lea: pela primeira e derradeira vez, eu a arrasto, forçando o seu corpo magro e abatido a prosseguir. Algo nos atinge. O corpo de Lea estremece e desaba.

Os tremores do avião me acordam. Estou assustada e Yael, ao meu lado, também. Passando a mão por entre os cachos ruivos que herdou da mãe, ela pergunta se estou precisando de algo. Digo que não, que estou apenas cansada. Explico: os dias passados na floresta foram terríveis e mais difícil ainda o retorno ao Brasil para o enterro de Lea.

Yael pergunta do pai e eu conto que ele foi preso durante a invasão ao Morro. Digo ter sabido da existência dela apenas depois do enterro, por meio de uma mensagem de Pedro: a filha de Lea, desde os poucos meses de idade, está escondida em Cuba. Conto ter usado a minha influência para convencer o governo cubano a deixá-la partir. Pergunto como ela se sente sobre morar na Europa e ela reclama do lento processo cubano de redemocratização, dos presos políticos, da falta de liberdade. Chaim está certo: um leopardo não pode mudar suas manchas.

A aeromoça pede para que recoliquemos os cintos de segurança. Lá embaixo, Orly. O avião está taxiando agora e já estamos de pé, preparando-nos para sair. À saída do aeroporto, jornalistas cercam uma mulher. Flashes, câmeras de televisão, faixas de boas vindas: alguém comenta tratar-se de uma refém das FARC, recém-libertada. À lembrança de Lea, meu coração se aperta. Estamos de novo juntas e eu a arrasto pelo mato. Ari vai à frente liberando caminho e os guias logo atrás de nós, protegendo nossa retaguarda. Lea respira com esforço e o seu corpo se apoia no meu. Eu imploro: corre, Lea, corre. Lea cai no chão e diz que não conseguiremos. Eu me recuso a aceitar e a levanto novamente. O barulho de tiros está cada vez mais próximo e algo nos atinge. Lea desaba e seus olhos se encontram com os meus. Eu sei: ela vai desistir. Lea pede, e é a última vez que ouço a voz dela: devo continuar e escapar com vida da floresta. Eu grito e ela não responde.

Não, não estou só. Ao meu lado, Yael, excitada, planeja: quer estudar cinema e filmar o mundo. Digo que na semana seguinte pegaremos outro voo para Genebra e que, então, estarei pronta para seguir em frente sem Lea. Retomarei o meu antigo posto, explico.

Damo-nos as mãos e entramos no ônibus que nos deixará no centro de Paris. Estamos na terra dos *maquis*, digo. E de Le Pen, complementa Yael. O motorista avisa que, na cidade, manifestantes protestam contra as novas regras da aposentadoria. Yael comenta, e tenho que concordar: chegamos em boa hora.

-----



# Arquivo Maaravi

Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG  
ISSN: 1982-3053

\* **Ivy Judensnaider** é economista e Mestre em História da Ciência. Escritora, roteirista de cinema e professora universitária. Coordena o curso de Ciências Econômicas na UNIP/Campus Marquês, São Paulo.